

13. Mendigar a preferência de Cristo

Gosto de citar uma frase perspicaz de São Bernardo: "Ai de nós se nos alegamos do que não está em Cristo e para Cristo. Ai de nós se oferecêssemos uma pobreza que ainda pode ser vendida! - *Vae nobis si exultaverimus, nisi in Christo et pro Christo! Vae nobis, si vendibilem obtulerimus paupertatem*" (De diversis 21,3).

É disto que São Bernardo fala: fazemos escolhas, votos, assumimos compromissos afirmando que não temos nada mais caro do que Cristo, e depois vamos procurar, através do que prometemos, outros valores e ganhos do que o próprio Cristo, do que somente Cristo. Depois justificamos a obediência dizendo que pelo menos não fazemos más escolhas; ou justificamos a pobreza com a filantropia; ou a castidade com a liberdade de poder amar a todos, em vez de nos concentrar na esposa e nos filhos, como que quem se casa amasse menos do que os solteiros. Buscamos para os nossos compromissos, razões e valores que ultimamente são mundanos. Temos dificuldade de ter Cristo como verdadeiramente o mais caro do que tudo, e então não experimentamos como o amor a Cristo, acima de todas as coisas, realmente dilata o amor ao próximo, o amor aos pobres, mas também o amor a esposa ou marido para aqueles que são casados, aos filhos, amigos, trabalho, ou também aos bens que temos, sejam muitos ou poucos. Há bilionários que, amando Cristo, sabem transformar o uso e desenvolvimento da sua grande riqueza em amor, e existem pobres tão mesquinhos que não sabem nem sequer compartilhar um sorriso.

Sobre isto nunca devemos esquecer a grande lição que Jesus deu, pouco antes da sua Paixão, quando Maria de Betânia lhe ungiu os pés com uma libra de nardo precioso, que Judas imediatamente avaliou em 300 denários, próprio ele que venderá Jesus por 30 denários. Quando calculamos o que ganhamos ao estar com Cristo, ao segui-lo, perdemos o valor infinito e incalculável que Cristo é para nós e para todos. Maria de Betânia não hesitou por um momento em desperdiçar 300 denários de puro nardo, para ungir apenas os pés de Jesus. Isto para dizer nos que os pés de Jesus, sozinhos, valem tudo o que temos, todo o perfume que as jovens mulheres judias, guardavam, gota por gota, para aspergir o leito nupcial no dia do casamento. Se isto é verdade, foi como se com aquele gesto Maria escolhesse Cristo como seu único esposo, é como se tivesse feito um tipo de profissão de virgindade para ser toda sua, toda consagrada a Cristo.

Judas e Maria de Betânia são colocados em contraste para nos fazer entender que quando Cristo não nos é mais caro do que tudo, o traímos, traímos a única forma para estarmos unidos a Ele, que é, como diria São Bento, não preferir absolutamente nada a Cristo e ao Seu amor (cf. RB 72,11; 4,21). Traímos Cristo quando não o preferimos a tudo, porque traímos o Seu valor infinito que nada nem ninguém pode ter além Dele.

Mas, claro, ao dizer isto, é evidente que todos traímos esta preferência absoluta, ou seja, nunca somos verdadeiramente capazes. Só o coração Imaculado da Virgem Maria pôde realmente preferir Jesus a tudo.

Por isso que devemos ver no gesto de Maria de Betânia também um gesto penitencial, como o da pecadora que na casa do fariseu Simão entrou e começou a banhar os pés de Jesus com as suas lágrimas e a ungi-los com óleo perfumado (Lc 7,37-38). Não podemos expressar a nossa preferência por Jesus de outra forma, sem pedir perdão por todas as traições que carregamos no coração. Compreendemos que Cristo é o único que merece preferência absoluta, que só Ele tem um valor incalculável para nós, mas depois caímos sempre na nossa mesquinhez, na busca dos nossos interesses, no ganho do nosso orgulho. Talvez quando São Paulo escreveu: "Todos procuram os seus próprios interesses, não os de Jesus Cristo" (Fl 2,21), disse isto com a consciência e contrição de que também ele fazia parte deste "todos". A verdade da nossa preferência por Cristo é a consciência de sermos traidores, a consciência de São Pedro depois da sua negação, que não conseguiu se livrar dela.

Mas esta consciência, que sempre alimenta e renova a humildade com a qual somos chamados a seguir Cristo, não deve ser deprimente, triste. Será se exprimimos mais preocupação por nós mesmos do que por amor a Cristo. Se o expressarmos com o desejo de amar Cristo, de realmente o preferir, então se torna um ato de mendicância, uma oração profunda do nosso coração. Tudo o que sacrificamos por Jesus, liberdade, bens, laços afetivos, é mais um mendigar do que um presente, é mais um vazio que oferecemos para Cristo preencher do que algo que pretende preencher Cristo ou que serve a Ele, pois Ele já tem tudo e pode tudo. Maria de Betânia derramou todo o nardo sobre os pés de Jesus, bem sabendo que o nardo foi desperdiçado, que não iria beneficiar Jesus. Mas o frasco de nardo que esvaziou em Jesus, era um símbolo do seu coração que se esvaziava do que é precioso para o mundo para ser preenchido com a mendicância da sua presença, do seu amor, da comunhão com Ele. Em outras palavras, não devemos viver os nossos empenhos com Cristo e para Cristo, como um presente que Lhe damos, mas como uma necessidade, como uma abertura ao dom que fez de Si mesmo para nós. Só Cristo é o Presente que o Pai nos dá no Espírito Santo.

É talvez neste sentido que Jesus reage ao comentário malicioso e calculista de Judas, com uma frase misteriosa que devemos sempre meditar: "Deixa-a; ela reservou este perfume para o dia da minha sepultura; porque sempre tereis pobres convosco, mas a mim não me tereis sempre." (Jo 12,7-8)

O nardo que Maria derramou sobre o corpo de Jesus servirá para a sua sepultura, como um gesto que pede o dom de Cristo, que o pede e que o aceita tal como Ele está prestes a começar a sofrer até à morte na cruz. Quando Jesus for sepultado, então será totalmente doado para a salvação do mundo. Maria de Betânia ao derramar o nardo, aceita todo o dom que Cristo faz de si mesmo para salvar toda a humanidade.